



RESISTÊNCIA E A PERCEPÇÃO DE SI: O NARRADOR-PERSONAGEM EM *CINZAS DO NORTE* DE MILTON HATOUM

RESISTANCE AND PERCEPTION: The narrator-character in *cinzas do norte* by Milton Hatoum

RESISTENCIA Y AUTO PERCEPCIÓN: El narrador en *cinzas do norte* por Milton Hatoum

Analice Souza Gomes

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo tecer considerações acerca das escolhas narrativas feitas por Lavo, narrador homodiegético, no romance *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum (2005). Deste modo, busca-se partir do pressuposto de que ao empenhar-se em contar a história de Raimundo, personagem central da narrativa, seu único e melhor amigo, Lavo inicia um processo de rememoração, seleção e preenchimentos de fatos. Tais ações, realizadas pelo narrador-personagem, evidenciam um relato que representa os acontecimentos de sua própria vida. Além disso, há o destaque para os reflexos que, o pano de fundo histórico e social da ditadura, da industrialização e da violência, causaram no desenvolvimento de cada personagem e na construção da cidade de Manaus, onde se desenrola o enredo do romance. Por esse viés, essa análise de cunho analítico-interpretativo, com análise de fontes bibliográficas, é permeada pelos conceitos de identidade, memória e literatura na pós-modernidade e pressupostos que auxiliam na compreensão do sujeito que, influenciado pelas tendências contemporâneas de pluralidade, (re) significa a formação identitária do indivíduo. Desse modo, baseia-se em teóricos como Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (1998/2005), Beatriz Sarlo (2007), Beatriz Resende (2008), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Literatura Contemporânea; *Cinzas do Norte*, Milton Hatoum.

ABSTRACT

The present work aims to make considerations about the narrative made by Lavo, homodiegetic narrator, in the novel *Cinzas do norte* by Milton Hatoum (2005). In this way, we try to start from the assumption that, by endeavoring to tell the story of Raimundo, the central character of the narrative, his only and best friend, Lavo starts a process of reminiscing, selecting and filling out facts. Such actions, performed by the narrator-character, evidence a story that represents the events of his own life. In addition, there is an emphasis on the reflexes of the historical and social facts of the dictatorship, industrialization and violence, caused in the development of each character, and in the construction of the city of Manaus, where the plot of the novel unfolds. This analytical-interpretative analysis, with analysis of bibliographic sources, it is permeated by the concepts of identity, memory and literature in post-modernity and assumptions that assist

in the understanding of the subject who influenced by contemporary trends of plurality, (re) means the individual's identity formation. So, it is based on theorists such as Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (1998/2005), Beatriz Sarlo (2007), Beatriz Resende (2008), among others.

KEYWORDS: Identity; Contemporary Literature; *Cinzas do Norte*, Milton Hatoum.

INTRODUÇÃO

A relação entre indivíduo e a construção de sua identidade emerge na contemporaneidade como aspecto de relevante discussão. Para Stuart Hall (2006), isso se dá devido às transformações decorrentes da globalização e dos conflitos gerados pelas múltiplas possibilidades e diversificadas vias existentes para a formação identitária. Durante muito tempo, o indivíduo foi condicionado pela Religião, pelo Estado e a pela Família, consideradas instituições inabaláveis, que se propagavam como modelos únicos. A partir do século XIX e da industrialização, bem como do descentramento das atribuições religiosas, o homem enfatiza a razão e o pensamento individual, reforçando a coerência do pensamento filosófico-científico.

Hall (2006), em *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, traça o percurso das bases que remetiam à ideia de identidade. Inicialmente o autor apresenta as afirmações Iluministas. Nesta o sujeito é visto sob uma concepção individualista, totalmente centrado, unificado, “dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10). A partir desse pressuposto, Mariana Souza em seu estudo sobre a memória como matéria para a construção identitária (2014, p. 92), afirma que a identidade do sujeito consistia em um núcleo interior que nascia com o homem e o acompanhava ao longo de sua existência, permanecendo essencialmente o mesmo.

Em um processo evolutivo, tem-se a concepção sociológica, que concebe a construção da identidade a partir da “interação entre o eu e a sociedade” (HALL 2006, p. 11), deixando de lado a noção de indivíduo como um ser fechado em si. Contudo, o sujeito é ainda possuidor de uma essência interior, apontando para a internalização dos valores da sociedade e, consequente, projeção de tal em sua estrutura. Simone Athayde em sua análise acerca das identidades fragmentadas no romance *Cinzas do Norte* (2009, p. 12), afirmar que “essa estrutura social passou por mudanças, fazendo com que o sujeito se fragmentasse em várias e, por vezes, contraditórias identidades, gerando o sujeito pós-moderno”, resultante dos processos históricos sociais.

Nesse sentido, Hall (2006) explica que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL 2006, p. 12-13).

O sujeito pós-moderno é tomado por uma crise de identidade, consequência dos desdobramentos estruturais na sociedade e nas instituições que a formam. Em outras palavras, o sujeito, na atualidade, desenvolve ora uma identificação, ora um sentimento de deslocamento, não-pertencimento e a fragmentação de si mesmo, ainda que fisicamente não tenha migrado de seu espaço cotidiano. Isto é, rompe com a pretensa coerência e rigidez, típica das sociedades pretéritas, e a identidade, por seu caráter transitório, passa a ser problematizada, cercada de questionamentos e incertezas.

Assim, percebe-se que o sujeito pós-moderno é cercado por uma sensação de insegurança em razão da natureza cambiante da identidade. Percebe-se não mais como um ser integrado, de essência unívoca. E as referências culturais - como língua e tradições-, e geográficos – como as fronteiras territoriais - não mais homogeneízam os indivíduos como pretendia o Estado, por exemplo, com a intenção de fixar sua hegemonia como nação e combater as forças unificadoras e massificadoras da globalização. Isso pode influenciar na percepção dos deslocamentos nos diversos âmbitos sociais e culturais que caracterizam a sociedade moderna e que modificaram as estruturas estatais, as condições de trabalho, a subjetividade coletiva e as relações entre o eu e o outro. Sobre os efeitos da globalização na instabilidade da construção identitária, Zygmunt Bauman em *Identidade* afirma que:

As principais razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambiguidade (tão bem definidas e inequívocas quanto a soberania territorial do Estado), e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desapareceram ou perderam o poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganharam livre curso e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas. (BAUMAN, 2005, p. 35).

Desse modo, o caráter transitório da identidade sempre em formação, coloca o homem pós-moderno em constante construção identitária, já que a fluidez das relações na contemporaneidade as torna múltiplas e fragmentadas, decorrentes da tomada de posição que o sujeito deve assumir nas representações discursivas disseminadas culturalmente, pois é no

plano do discurso e das interações sociais e culturais que a identidade é compreendida como um processo e qualificada como aberta, flexível, híbrida e em constante formação.

Diálogo entre a literatura e a construção identitária

No mesmo curso das transformações que afetaram os elementos que contribuem para a construção da identidade cultural, a literatura, como representação artística das relações e dos sujeitos, também evidenciou transformações nos últimos anos, no que tange a questões como tema, estrutura, estilo e fatores estéticos. Reconhecendo-se a amplitude que abarca o termo literatura e os diversos matizes que colore esse campo, opta-se, devido aos limites deste trabalho, apresentar apenas algumas discussões que se referem à trajetória da ficção contemporânea brasileira e seu caráter múltiplo.

Beatriz Resende em *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI* (2008) debruça-se em fatores que explicitam a multiplicidade que caracteriza a literatura brasileira na pós-modernidade, destacando inicialmente que houve um deslocamento de modelos, conceitos e espaços que eram familiares anteriormente e se faziam essenciais como via única para a compreensão da literatura. Para Resende a multiplicidade, em contraste às fórmulas homogeneizadoras, foi propiciada por expressões de fertilidade, qualidade de produção e mercado que marcaram as produções literárias a partir dos anos 1990, aspectos que, por vezes, foram facilitados pela comercialização da literatura e pela conectividade e tecnologia, isto é, como consequência da industrialização e da globalização. Citando Andreas Huyssen, teórico da crítica da cultura, de artes plásticas e da literatura, a autora destaca que o pós-moderno passa a operar “num campo de tensão entre a tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massa e grande arte” (RESENDE, 2008, p. 18), o que indicaria o convívio de diferenças na literatura.

Nesse sentido, Souza (2014) ao analisar as proposições de Hall e Canclini quanto à influência da globalização na construção do indivíduo, conclui que o fenômeno globalizante provoca, em última análise, “uma hibridização das identidades, que se constituem à semelhança de um mosaico cultural” (SOUZA, 2014, p. 96). Da mesma forma, na literatura é possível observar as influências da globalização, como por exemplo, o desencadeamento da multiplicidade e a convivência harmoniosa dos diversos e dos distintos, identificando não um novo estilo de época, mas as múltiplas possibilidades de criação garantidas pela existência de manifestações diversas e a liberdade para sua efetivação, em outras palavras, um mosaico de estilos, formas e temas (co) existindo ao mesmo tempo.

Assim, a literatura contemporânea brasileira é cercada por manifestações de uma urgência que objetiva acompanhar a dominante velocidade e simultaneidade que marcam o ritmo da sociedade atual. Para Resende (2008),

Diante das novas configurações do espaço geopolítico e de diferente organização do tempo, premido pela simultaneidade, as formações culturais contemporâneas parecem não conseguir imaginar o futuro ou reavaliar o passado antes de darem conta, minimamente, da compreensão deste presente que surge impositivo, carregado ao mesmo tempo de sedução e ameaças, todas imediatas. (RESENDE, 2008, p. 28)

Nota-se, portanto, que na literatura, a presentificação e a urgência dizem respeito à necessidade de alcançar uma determinada realidade, caminho pelo qual seria possível relacionar e interagir com o mundo tomado por uma temporalidade de difícil captura. Com isso, percebe-se que o escritor contemporâneo e as produções artísticas da atualidade desdobram-se na tentativa de acompanhar as transformações decorrentes do gradativo processo modernizador das sociedades e das tecnologias, interagindo com as novas tendências – computador, internet, produções independentes, diálogo com as mídias – conscientes de que não alcançarão o limiar das plurais possibilidades, mas, contudo, primando por alcançar uma ampla extensão, tanto quanto for possível. Seguindo essa linha, Therezinha Barbieri em *Ficção impura: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90* (2003) afirma que a

Combinação de múltiplos registros de linguagem, o diálogo cada vez mais intenso com a cultura de massa, com a tradição literária, com a historiografia, associado às oscilações do gosto e às flutuações do mercado, interferiram no feitio da ficção contemporânea no Brasil a ponto de determinar traços relevantes de seu hibridismo. É certo que o discurso narrativo não oculta mais o intercâmbio que dentro dele se estabelece com outras formas de expressão e comunicação; ao contrário, faz da mesclagem de discursos e sistemas semiológicos fonte para novas invenções. (BARBIERI, 2003, p. 110)

Na citação acima, Barbieri descreve a relevância da mescla que compõe a produção da ficção brasileira dos últimos tempos, o que segundo a autora abre espaço para a diversidade de estilos, temas e formas, longe de fixar uma identidade unívoca, mas, sobretudo, surgindo como espaço de identidades – aquelas em constante formação – e principalmente, de convivência de linguagens.

Nota-se, diante desses posicionamentos que a literatura contemporânea além de abarcar a multiplicidade própria da modernidade, também vem sendo campo propício para a representação da transitoriedade das identidades, isto é, a dialética entre realidade e ficção faz da literatura um instrumento artístico e cultural que contribui para o desvelar das angústias dos

sujeitos modernos, daqueles que mantêm-se no entre-lugar. Em outras palavras, do sujeito deslocado, imerso no vasto, no múltiplo, que vive uma constante e interminável busca de si e de seu lugar. Sendo assim, a personagem ficcional contemporânea busca a compreensão de si, do Outro e de sua realidade, que, por vezes, tornam-se de difícil percepção devido a velocidade que marca a urgência dos espaços urbanos, do mundo e do pensamento pós-moderno.

A partir de tais ideias se direciona a análise da personagem Lavo de *Cinzas do Norte* (2005), narrador homodiegético que por meio da memória reconstrói os eventos vividos desde sua infância. No entanto, o narrador-personagem conta em primeiro plano a história de seu amigo Raimundo (Mundo) e os conflitos vividos por essa personagem, que segundo a perspectiva de Lavo, é marcado por constantes deslocamentos, um sentimento de não-pertencimento familiar e o estranhamento frente aos espaços que se localiza. Simultaneamente, o narrador também rememora os “respingos” do conturbado universo familiar de Mundo em sua própria família e, dessa forma, vai gradativamente (re) construindo sua própria identidade, até então secundária e por vezes, nula.

A memória na (re) construção da identidade

Cinzas do Norte (2005), romance de Milton Hatoum, se constitui por meio do entrecruzamento das vozes das personagens Lavo e Ranulfo, tio do narrador. A participação de Ranulfo no processo narrativo se dá por meio de cartas que escrevera relatando as aventuras e desventuras vividas por ele, para manter seu caso com Alícia, a mãe de Mundo e, ao entregá-las a Lavo, pede ao sobrinho que as considere em sua narrativa.

Assim, por meio da perspectiva narrativa de Lavo, suas memórias e as cartas de Ranulfo, o leitor conhece a trajetória das duas famílias – a do narrador-personagem e a de Mundo – e vislumbra a Manaus de meados do século XX, espaço urbano que sofria transformações resultantes do processo de modernização, além das influências ocasionadas pelas interferências políticas e históricas predominantes em todo país sob a dominação da ditadura militar. Tal mescla pretende, no plano temático, alcançar os problemas universais do homem em família e em sociedade, sobretudo, um cenário de perdas sentimentais e afetivas que apontam para uma experiência humana degradante.

Tendo como pano de fundo histórico a ditadura militar, a narrativa traz por meio da personagem Jano, pai de Mundo, a representação do poder opressor contextualizado pela instauração das políticas que norteavam os objetivos e a manutenção dos ideais ditatoriais. Mundo, desejoso de seguir carreira artística, vê no preconceito e nos planos pessoais de seu pai

– este desejava que o filho se tornasse herdeiro/administrador de seus negócios e herança – a imposição agressiva, a opressão do poder e torna o ódio pelo pai, motivador de todas as desgraças que o acompanharam. Porém, no decorrer do romance, Alícia atordoada pela doença do filho, revela-lhe que Jano não é seu verdadeiro pai, pouco tempo depois, Mundo morre. Da mesma forma que Raimundo, Jano e Alícia morrem afundados em suas frustrações e insucessos.

O enredo construído por Lavo trata-se, predominantemente, da elaboração de uma narrativa pelo viés da memória e das lembranças. Devido ao fato de o mecanismo da rememoração ser fragmentado, o narrador-personagem preenche as lacunas com impressões subjetivas sobre os fatos e, além de contar a história do amigo e do contexto do lugar em que ele vive, isto é, justamente por fazer parte dele, narra sua própria história.

Jacques Le Goff em seu estudo contido na obra *História e memória* (2003), acredita que a memória desempenha o papel de conservar o passado pois, a ativação do conjunto de funções psíquicas propicia ao homem a capacidade de “atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Ao atualizar o passado o indivíduo tem a oportunidade de reativar os traços e fatos que compuseram e continuam compondo sua história e, conseqüentemente, por meio das lembranças e da seleção destas, percebe sua identidade como sujeito. À medida que Lavo rememora a Manaus do passado, a família de Mundo e a sua, resgata sua essência, constrói-se a partir do Outro, narra a si mesmo, sua identidade que, até então, parece ocupar posição secundária.

Diante disso, se faz importante considerar a afirmação de Pierre Nora no ensaio “Entre memória e história: a problemática dos lugares” (1993, p. 9), no qual cita que a memória é aberta à “dialética da lembrança e do esquecimento” e por isso, inconsciente de suas deformações sucessivas, possibilita o surgimento de frestas, que na concepção do autor, torna a memória atual. É possível observar também que, em relação à qualidade afetiva, a memória se alimenta somente daqueles fatos que são relevantes para o sujeito, atuando como filtro de lembranças vagas, censuras ou projeções segundo o ponto de vista focalizado por cada indivíduo. Assim sendo, movido por seus objetivos afetivos e de construção do presente, Lavo produz sua narrativa baseando-se nas memórias: as que guardara desde sua infância e aquelas de Ranulfo, contidas nas cartas que entregara ao sobrinho, havendo nesse processo, espaço para preenchimentos com ideias que transitam entre as lembranças, o que foi esquecido e o que de fato ocorreu.

A memória como representação, além de conservar o passado, o encena e prolonga seu efeito útil até o presente pautando-se pelas representações que cada indivíduo faz daquilo que viveu ou presenciou. Neste sentido Beatriz Sarlo em *Tempo passado: cultura da memória e*

guinada subjetiva (2007, p. 97), destaca que as lembranças que permanecem na memória do sujeito são determinadas pela tentativa de “fundar um presente em relação com o passado”, como ocorre com Lavo em *Cinzas do Norte* (2005), vivendo um presente solitário, sem ambições futuras, o narrador-personagem procura dar sentido à sua trajetória a partir das memórias e dos acontecimentos que marcaram a sua consciência como indivíduo em formação, numa tentativa de reconhecer a si mesmo diante das ações e das “cinzas” daquelas personagens que se propõe a narrar.

Cinzas do Norte: O personagem-narrador e os reflexos de si mesmo

Lavo, tornou-se órfão ainda na infância e devido a esse fato, foi criado por uma tia e um tio, os irmãos Ramira e Ranulfo. Família pobre, Ramira mantinha as despesas da casa trabalhando como costureira, já Ranulfo não se preocupava em trabalhar, passava seu tempo deitado na rede e escrevendo coisas que ninguém sabia. Como destacado por Lavo:

Lembro que, em plena tarde de um dia de semana, Ramira o encontrou lendo e fazendo anotações a lápis numa tira de papel de seda branco. Perguntou por que ele lia e escrevia em vez de ir atrás de trabalho. “Estou trabalhando, mana” disse tio Ran. “Trabalho com a imaginação dos outros e com a minha.” (HATOUM, 2005, p. 24, grifos do autor).

O narrador-personagem relata que crescera vendo os tios brigarem pela indisposição de Ranulfo ao trabalho e também por Alícia, uma história anterior a seu nascimento, mas que em determinado momento de sua juventude o aproxima de Mundo. Tal aproximação ocorre porque havia uma relativa relação entre as duas famílias: antes de Alícia casar-se com Jano, a procura de ascensão social, amara Ranulfo e também fora amiga de Raimunda, mãe de Lavo. Apesar da escolha narrativa de Lavo focalizar a trajetória conflituosa de Mundo, torna-se evidente, no romance, a posição central de Alícia como engrenagem para a instalação das situações desestabilizadoras entre os personagens:

Cresci ouvindo meus tios brigarem por causa de Alícia, que tinha morado num bairro vizinho, o Jardim dos Bares. Uma história anterior ao meu nascimento que, no entanto, ainda era comentada no Morro da Catita e parecia não ter fim. Certa vez, eu e minha tia avistamos Alícia e Jano na rua da Instalação, saindo da Casa Vinte e Dois Paulista. Vinham abraçados e sorridentes em direção a nós; tia Ramira diminuiu o passo, ficou nervosa, me puxou pelo braço, quis voltar. Paramos numa atitude ridícula, e os dois se aproximaram, ela mais alta e mais altiva que ele, mas só Jano cumprimentou Ramira, com um sorriso, erguendo a mão. Vi o rosto maquiado de Alícia, senti sua mão espanar meu cabelo, os dedos perfumados roçarem meus lábios, e ouvi a voz dizer: “Como está grandinho, é a cara da mãe”. Inclinou-se, me deu um beijo no canto

da boca e se apurou, repetindo: “A cara da Raimunda”. Eles se foram, e minha tia murmurou: “Que mulher insuportável. E como sabe fingir que gosta dele”. (HATOUM, 2005, p.24)

Alícia suportava um casamento fracassado, mimava o filho que, contrário às pretensões do pai, definhava-se dia após dia. Ela era invejada por Ramira, que não escondia sua admiração por Jano. Embora Alícia ainda mantivesse uma oculta relação amorosa com Ranulfo, este não conseguia convencê-la a deixar sua vida medíocre e dissimulada, para estar em definitivo com ele, então “mais de uma vez Ramira insinuara isso: o irmão, incapaz de conquistar Alícia, conquistaria Mundo.” (HATOUM, 2005, p. 265), conta Lavo. Na perspectiva do narrador-personagem, Alícia possuía, sobretudo, uma beleza provocativa e sensual, utilizada para sua ascensão, mas que não a mantém em tal posição, pois morre em circunstância de pobreza e presa às consequências de suas próprias escolhas.

Ao iniciar sua escrita, numa espécie de meta-narrativa, Lavo justifica seu porquê. No desenrolar do enredo, o leitor percebe que o romance trata-se de um livro sobre a história de Mundo. E assim, por meio de processo delicado de unir peças de um quebra-cabeça através das memórias, discursos de personagens e as cartas de tio Ranulfo, o narrador declara: “Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude” (HATOUM, 2005, p. 9-10).

Ideia confirmada no final do romance, quando Lavo comenta sobre a curiosidade de seu tio: Ranulfo desejava que a história do rapaz fosse escrita, para dessa forma ter acesso às informações contidas em uma última carta deixada por Mundo, antes de morrer e completa:

[...] Eu desconversava, deixando-o mais curioso, e muito mais atormentado pela dúvida que, para mim, já deixara de existir: suspeitava que o sobrinho estivesse escrevendo um livro sobre Mundo. Queria que isso fosse verdade, pois só assim leria a última carta de Mundo, e ao mesmo tempo não queria.

Antes de mais uma viagem ao rio Negro, ele me entregou o manuscrito, dizendo com ansiedade: “Publica logo o relato que escrevi. Publica com todas as letras... em homenagem à memória de Alícia e de Mundo”.

Atendi ao pedido do meu tio, mas não com a urgência exigida por ele — esperei muito tempo. Como epílogo, acrescentei a carta que Mundo me escreveu, antes do fim. (HATOUM, 2005, p. 303)

De fato, Lavo, após muito tempo, decide escrever a história do amigo, como ele mesmo menciona. Após aproximadamente vinte anos, com um mosaico de informações, lembranças e os relatos de Ranulfo, Lavo realizou o último desejo do amigo, manifestado em correspondências que Mundo lhe enviara, ele dizia: “pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta-cabeça [...]” (HATOUM, 2005, p. 9), em outras palavras, Lavo inicia a

narrativa, anunciando o fim, declara a hipótese de que talvez na data de escrita daquela carta que estava lendo, usada como epílogo em sua obra, Mundo teria morrido.

Li a carta de Mundo num bar do beco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país. Uma carta sem data, escrita numa clínica de Copacabana, aos solavancos e com uma caligrafia miúda e trêmula que revelava a dor do meu amigo.

[...]

Talvez tenha morrido naquela madrugada, mas eu não quis saber a data nem a hora: detalhes que não interessam. (HATOUM, 2005, p. 9)

Dentre as construções do perfil de cada personagem, Lavo vê sua própria trajetória, compreende que não atuou somente como observador ou como narrador dos fatos. Apesar de estar sozinho em seu presente, pois não constituíra família e continuava preso a Manaus, ainda exerce aquilo que se propusera profissionalmente: graduou-se em Direito e “agora advogava em defesa de detentos miseráveis esquecidos nos cárceres.” (HATOUM, 2005, pág. 285). Sem muitas ambições, faz do retorno ao passado um modo de reconhecer os fatos que vivenciou e o conduziu a tais escolhas. E assim, o narrador-personagem vê-se em sutil, mas bastante significativa, atitude contestadora e de resistência à atmosfera de medo e repressão a que fora exposto.

Para Vitor Leandro Silva em *O norte impossível: ficção memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum* (2001, p. 91), Lavo procura escrever a história de Mundo mas “acaba construindo é a história de sua época, de seu tempo, daquilo que sentiu e vivenciou”. Não se fragilizou diante das imposições sociais e das políticas opressoras fomentadas pelo regime atuante – o militarismo de 1964. Apesar de não ter condições financeiras, Lavo dedicou-se aos estudos com a ajuda de Ramira, que contribuía na comprar os livros necessários ao estudo acadêmico, e conseguiu concluir sua graduação. Certo momento, Jano compara Mundo a Lavo: [...] “não tinha onde cair morto, mas ia ser um advogado, e ele, Mundo, não era nada, ninguém” (HATOUM, 2005, p. 125), deixando claro a superação do narrador-personagem, quanto a sua posição social. Como já mencionado, ele vivia uma vida simples, mas suficiente para que não precisasse se curvar aos ditames dos poderosos.

Quanto à opressão que pairava na Manaus descrita na narrativa, há momentos nos quais o narrador se vê diante de propostas carregadas de autoritarismo e pretensões cerceadoras de liberdade de escolha, isso, representado na personagem Jano. Tal fato pode ser notado quando Lavo recusa a oferta financeira que Jano ofereceu-lhe para que conduzisse Mundo a encontros sexuais com mulheres e, apesar de sentir-se ameaçado, oprimido, mostrou-se contrário às imposições do opressor, então se nega a submeter-se a determinação do pai do amigo:

Jano abriu uma gaveta e segurava um envelope. O olhar encontrou o cachorro no chão; ele balançou o envelope, brincando com Fogo, e recuperou um pouco de calma. “Sei que tu és órfão, Lavo. Conheço os teus tios... O ex-radialista só pensa na farra, mas tua tia é uma mulher honesta. Sei também que vocês levam uma vida difícil”, disse, com uma sobra de sorriso. E continuou, agora com voz ríspida: “Mas não é por essa razão que vou te propor uma coisa. As dificuldades existem para mim também, só que são outras. Minha saúde... meu filho... esse inferno moral. Quero que ele se encontre com uma mulher e desapareça da casa daquele artista. Uma mulher... velha ou moça, uma viúva, uma puta, uma mulher qualquer! E que nunca mais entre na casa do maldito. Pago um dinheirão por isso. Quero salvar meu filho, antes que seja tarde. Pensa nisso, Lavo. É um trabalho como outro qualquer”. Ficou à espera de uma palavra ou gesto de assentimento, sem pensar na minha humilhação ou vergonha. A luz fraca me protegia. O homem me oferecendo com a mão direita um envelope cheio de dinheiro, como se quisesse compartilhar comigo o fogo do inferno moral, que era só dele. *Até os olhos amarelos de Fogo me acuavam. Senti-me diminuído, atordado, perante aquele pai que não era o meu. Ainda lembro do murro que Jano deu na mesa, reação ao meu silêncio ou a minha perplexidade. O salto do cachorro sobre um monte de papel velho. Fogo me encarou, expelindo um rosnado ameaçador. Os dois, diante de mim, exigindo uma resposta.* Lembro-me do silêncio opressivo, que abafava o alvoroço da rua, da minha caminhada ansiosa à casinha da Vila da Ópera, da voz poderosa de um homem enfermo, atormentado pela vocação artística do filho ou, talvez, por alguma outra coisa. Nunca falei a Mundo dessa oferta generosa e infame. (HATOUM, 2005, p. 36-37-grifo nosso)

No trecho acima, percebe-se que o relato rememorado por Lavo é carregado de uma interpretação densa que expõe sua perplexidade diante da oferta e da atitude desesperada de Jano. Tal personagem dominado pelo preconceito quanto às escolhas sexuais do filho e inconformado com a intensa amizade que Mundo mantinha com Arana, não leva em consideração o sentimento de humilhação e vergonha que despertou ao impor seu “inferno moral” ao rapaz, como o próprio narrador destaca, em outras palavras, embora Jano desejasse, por meio da intimidação, uma resposta positiva, esta não é proferida por Lavo.

As resistências de Lavo, a atmosfera opressora, as disparidades sociais entre ricos e pobres, dominantes e dominados, possuem como pano de fundo o momento sociopolítico da Ditadura Militar de 1964, no Brasil, e o crescimento desordenado da cidade de Manaus. Os Colégios militares, os treinamentos na floresta a que os alunos eram submetidos, além das posições políticas que os militares ocupavam, representavam a dominação do sistema em todas as instâncias. Diversas vezes, no romance, a atuação do regime militar apresentava-se como cenário e determinante das ações dos indivíduos manauaras, como nestes fragmentos:

Só fui tornar a encontrá-lo em meados de abril de 1964, quando as aulas do ginásio Pedro II iam recomeçar depois do golpe militar.
[...] “De qualquer forma”, disse ele (tio Ran) anos mais tarde, “depois do golpe militar iam acabar me demitindo: os censores dessa panaceia não iam aturar meus comentários políticos, muito menos minhas histórias de amor no meio da madrugada”. Vou te contar um segredo. Uns três anos depois do golpe militar, um grupo de jovens amazonenses organizou um foco de guerrilha por aqui. O Comando Militar da

Amazônia convocou um oficial do Rio para perseguir e prender os guerrilheiros... um oficial de uma Brigada de Paraquedistas...”. Baixou a voz para dizer: “... capitão Aquiles Zanda... foi promovido e condecorado quando terminou o serviço. Prendeu e torturou todos do grupo. O chefe foi encarcerado em Belém e depois executado. Um venezuelano...”.

“Capitão Aquiles Zanda”, murmurei. Na faculdade discutíamos atrocidades do governo em outros lugares, mas ninguém tinha falado sobre esse grupo de guerrilha em Manaus.

“Pouca gente sabe disso, Lavo. As notícias foram censuradas.

[...]

Zanda é um homem da linha dura. Comandou todas as instituições militares de Manaus e até hoje controla tudo. Quer ser prefeito, governador, o diabo. Ele se considera um deus fardado. Gosta de jogar os estudantes na selva, só para testar a resistência deles. Quando alguém fica doente, ele acaricia suas medalhas. (HATOUM, 2005, p. 12, 28,129).

Assim, Silva (2001, p. 93) qualifica Lavo como um dissidente que luta “contra a ordem estabelecida”, que rejeita “as imposições feitas por esta” e tenta “manter sua subjetividade mesmo frente à ameaça de uniformização dos valores”. Apesar de não se apresentar explicitamente subversivo como Mundo, Lavo resiste às ideologias militares e as manifestações de opressão e violência, visto claramente quando opta por defender os marginalizados que eram invisíveis e esquecidos pela lei:

No fim de outubro ingressei como estagiário no escritório de um professor de direito penal; interessava-me mais pelos processos julgados sumariamente, à revelia da Lei e sem qualquer direito de defesa. Era raro esses crimes aparecerem na imprensa; eu lia sobre eles nos informes quase clandestinos da Ordem dos Advogados. O lema dos boletins que vinham do Rio era: “Sem medo contra a censura e o arbítrio”. Hoje, ao folhear esses papéis velhos, lembro da reação raivosa de Mundo contra o medo. (HATOUM, 2005, p. 163)

Lavo percebe em seu presente, que assim como Mundo, ele também reagia contra o medo imposto pela censura e pelo arbítrio do sistema vigente. De certo modo, ao narrar Mundo, percebe-se narrando a si mesmo ou talvez tentando justificar as escolhas que fez, por meio de lembranças e preenchimentos próprios da atividade de rememoração, em *Cinzas do Norte*, as personagens buscam no passado a apreensão do presente atribuindo às memórias “um efeito reparador da subjetividade” (SARLO, 2007, p. 51). Ele toma consciência, por meio da memória, de seu papel atuante, ideia concomitante com a perspectiva sobre percepção trazida por Henri Bergson em seu ensaio *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito (1999, p. 30), que afirma: “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada”, isto é, a relação entre memória e consciência se dá pela tentativa de

atualizar o passado no presente o que levaria os indivíduos à percepção de si mesmos, bem como, de sua realidade. Nesta direção podemos nos ater às ideias de Silva (2001), que cita:

A memória em Hatoum tenta não somente fazer existir novamente o passado, mas sobretudo pretende tomar consciência dele, aprofundar o seu entendimento, para que se consiga encontrar nele os caminhos que levam à elaboração de paradigmas de afirmação do ser [...]. Logo, reter o passado é compreendê-lo e preparar-se para o porvir. É ver, por meio daquilo que foi, o que é, e antever o que será. Desse modo, o que as personagens de Hatoum procuram ao vasculhar nos confins do seu passado e de outros é antes de tudo o entendimento de sua condição de agora, seu hoje, e saber quem são. (SILVA, 2001, p. 47)

Tais processos de rememoração demonstram a busca pela unidade identitária, e essa tomada de consciência da própria identidade facilita a compreensão dos elementos que representam quem somos e como nos tornamos, dando sentido a existência. Desse modo, a percepção identitária, também possibilita ao ser prosseguir na constituição de si como indivíduo no futuro.

Dessa forma, é importante considerar que a identidade das personagens em *Cinzas do norte* (2005) é afetada por uma sociedade fragmentada e por isso, apresenta-se instável e em constante construção. Lavo, através da escrita, expõe essas identidades fragmentadas e em movimento, num percurso que o possibilita (re) montar sua própria trajetória e percebe a si mesmo. Assim, embora situado em um contexto marcado pela desordem e destruição, diferente das demais personagens que viviam em constante trânsito, objetivando encontrar o almejado lugar de paz, o narrador-personagem via-se preso a Manaus, pois a cidade ou o que restou dela, de alguma forma, também o constituía:

Mundo sabia que dificilmente eu sairia de Manaus; nas cartas que lhe enviei, insisti nesse assunto, dizendo que minha cidade era minha sina, que eu tinha medo de ir embora, e mais forte que o medo era o desejo de ficar, ilhado, enredado na rotina de um trabalho sem ambição. (HATOUM, 2005, p. 269)

O sentimento de não-pertencimento vivido por Mundo, Alícia e Ran surge como consequência do vazio existencial que cada personagem alimenta e, refletindo em Manaus seus conflitos internos empenham-se num constante deslocar do “lugar de opressão”, imaginando que em outros lugares estariam livres do aprisionamento e teriam liberdade para serem completos em sua essência, sobretudo, construir sua verdadeira identidade. Porém nem sempre essas personagens alcançam seus objetivos, somando apenas mais frustrações e novas esperanças, como explica Zygmunt Bauman na obra *O mal-estar da pós-modernidade* (1998):

A modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento. Não se resolve necessariamente estar em movimento - como não se resolve ser moderno. É-se colocado em movimento ao se ser lançado na espécie de mundo dilacerado entre a beleza da visão e a feiura da realidade - realidade que se enfeiou pela beleza da visão. Nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas. (BAUMAN, 1998, p. 92).

Bauman destaca que o mover-se, o migrar é próprio do indivíduo moderno, isso porque a intensa velocidade do caráter modernizador destitui a solidez das relações afetivas, dos pensamentos e das identidades. Contudo, Lavo, em um movimento contrário a característica de sujeito moderno apresentado acima, decide permanecer em seu lugar, “ilhado” (HATOUM, 2005, p. 269), mesmo vendo a Manaus de sua infância e adolescência existente apenas na memória:

Em poucos anos Manaus crescera tanto que Mundo não reconheceria certos bairros. Ele só presenciara o começo da destruição; não chegara a ver a “reforma urbana” do coronel Zanda, as praças do centro, como a Nove de Novembro, serem rasgadas por avenidas e terem todos os seus monumentos saqueados. Não viu sua casa ser demolida, nem o hotel gigantesco erguido no mesmo lugar. (HATOUM, 2005, p. 258-259)

O fracasso e a morte das demais personagens mantiveram Lavo ali, uma permanência que simbolizava a resistência do narrador-personagem, o reconhecimento de si como sujeito, aquele que narrando o destino trágico de Mundo, Alícia, Jano e Ran, subverte seu próprio destino. Desse modo, comparando-se aos demais, ele sobrevive e mantém-se no lugar que evoca suas lembranças, atingindo, por meio da escrita, as três instâncias temporais típicas da memória, segundo a perspectiva de Bergson (1999): registra seu passado num processo de materialização da memória, compreende seu presente e se prepara para o futuro. Sobre a construção da identidade e sua relação com a memória, Souza (2014) afirma que:

É em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo. Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória, [...] “a memória é a identidade em ação”. (SOUZA, 2014, p. 98)

Sob essa perspectiva observa-se que a materialização da identidade por meio do discurso é possibilitada através da memória e da seleção dela, tal processo funciona como o elo que permite ao indivíduo narrar a si mesmo e se posicionar face ao Outro. A seleção das memórias, o preencher das lacunas e frestas características das lembranças fazem com que o

indivíduo se localize como sujeito histórico e social num encadeamento gradativo de construção identitária, influenciado pelos contextos predominantes.

Nesse sentido, as constituições narrativas que permeiam o romance *Cinzas do norte* (2005) dialogam com as temáticas da contemporaneidade, algumas destas como: a fragmentação identitária, o deslocamento físico ou psicológico, o espaço como reflexo da construção da personagem e a memória como fonte para a compreensão do presente. Aspectos que podem ser reafirmados por meio das concepções apresentadas por Flávio Carneiro, em sua obra *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI* (2005) destacando as principais tendências da literatura contemporânea cita que os efeitos da casa, do rio e da memória, lugares e lembranças, respectivamente, são elementos que caracterizam o perfil das personagens de Milton Hatoum. Para Carneiro “trata-se, na verdade, de uma história de homens e mulheres perdidos, sob aparente segurança do abrigo familiar” (CARNEIRO, 2005, p.53), além disso, o autor acrescenta que é predominante em romances de Milton Hatoum um narrador que procura, “nesse beco sem saída da memória, algo que possa ajudá-lo a encontrar sua própria identidade [...]” (CARNEIRO, 2005, p.54). Concepção concernente à busca identitária de Lavo, o narrador-personagem de *Cinzas do norte* que reconhece-se como sujeito somente após narrar seu passado por meio de memórias que protagonizam Mundo, sua família e suas desventuras, como visto no decorrer desse estudo.

CONCLUSÃO

Em *Cinzas do Norte* (2005), as identidades fragmentadas, o sentimento de não-pertencimento e a transitoriedade física e emocional das personagens representam a crise identitária do indivíduo da pós-modernidade. Nota-se no plano da narrativa literária o que, segundo Resende (2008), é evidenciado como a retomada da tragicidade da vida da metrópole e o deslocamento das personagens que não se reconhecem onde e como estão. Lavo, na tentativa de reconhecer-se como indivíduo, rememora sua trajetória, busca na lembrança fatos que presenciou, alguns como o poder opressivo do militarismo e a marginalização daqueles que pertenciam à classe social desfavorecida. O garoto órfão, criado pelos tios, torna-se advogado, sobrevive e subverte o poder dominante defendendo os esquecidos pela justiça, ele vive em um espaço urbano afetado por desacelerado crescimento, presencia violência, abuso, preconceito, morte e mesmo assim, assume seu poder de liberdade: decide narrar, utiliza-se da memória e por meio da escrita, conta a história de sua cidade, de sua família e do seu amigo Mundo, o que o possibilita contar sua própria história e enxergar sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Simone Almeida Alves. **As identidades fragmentadas em Cinzas do Norte**. Anápolis, GO: UEG, TCC, 2009.
- BARBIERI, Teresinha. **Ficção impura** - prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90. Rio de Janeiro: Ed. URRJ, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. **O Mal estar na pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória** – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CARNEIRO, Flavio. **No país do presente**: ficção brasileira no início do século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 338 p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HATOUM, Milton. **Cinzas do norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire D’Aguar. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SILVA, Victor Leandro. **O norte impossível**: Ficção, memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Manaus 2011
- SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, vol. 16, nº 1, 2014 | UFPB/PPGL.